



## **”Eu queria ser feliz”: A inscrição do autobiográfico no religioso dentro da Igreja Universal<sup>1</sup>**

**Karla R. Macena Pereira Patriota<sup>2</sup>**

**Professora de mestrado e doutorado do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal de Pernambuco**

**Emanuelle Gonçalves Brandão Rodrigues<sup>3</sup>**

**Mestranda em Comunicação pela Universidade Federal de Pernambuco**

### **Resumo**

Na esteira do sucesso das narrativas de autoajuda materializadas em livros, cursos e programas televisivos, principalmente, vemos surgir uma variação particular derivada do incremento da autobiografia: os testemunhos de celebridades do universo religioso. A Igreja Universal do Reino de Deus – IURD parece se destacar pela importância concedida às histórias dessas celebridades convertidas, como é o caso de Andressa Urach. Este artigo, ancorado na perspectiva sociodiscursiva, parte da observação e análise de um conjunto de relatos extraídos do Youtube e de matérias na mídia secular, frutos da notória visibilidade dada a Urach nos últimos meses, e reflete como os testemunhos na igreja supracitada, carro-chefe de sua propaganda institucional, estão cada vez mais potencializados pelo incremento de elementos de outros discursos para além do universo religioso.

**Palavras-chave:** Igreja Universal; Felicidade; autobiografia; narrativas de autoajuda.

### **Introdução**

O que leva alguém a ser feliz ou quais os benefícios da felicidade? Questões como essas têm pautado a mídia ao longo dos anos, mesmo quando a centralidade das discussões está em torno de crises políticas, sociais e econômicas. A incidência do

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no Grupo de Trabalho 01 – Comunicação e Consumo: cultura empreendedora e espaço biográfico, do 5º Encontro de GTs- Comunicon, realizado nos dias 5, 6 e 7 de outubro de 2015.

<sup>2</sup> Doutora em Sociologia pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Professora de mestrado e doutorado do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da UFPE. E-mail: k.patriota@gmail.com.

<sup>3</sup> Mestranda em Comunicação da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), com estágio discente na Escola Superior de Propaganda e Marketing de São Paulo (ESPM-SP). E-mail: egbrodrigues@gmail.com.



tema em diversos meios e gêneros midiáticos e literários revela indícios de como as pessoas estão preocupadas com o bem-estar pessoal e a com a interminável busca pela felicidade.

Nesse sentido, logo, não é por acaso que quase todos os “guias práticos de felicidade” são acompanhados de modelos de vida exemplares que prescrevem fórmulas simples para se atingir os objetivos galgados. O ponto fundamental é: as pessoas precisam de exemplos comuns, de histórias de superação para que se identifiquem e criam que ser feliz é uma condição possível a todos.

Em entrevista publicada em julho deste ano (2015) na *Veja*, revista tradicional sobre política e sociedade no Brasil, a felicidade é apresentada como um meio possível para tornar os cidadãos mais produtivos e engajados com as questões sociais. Os benefícios são muitos, explica o economista Paul Dolan, professor de Ciências Comportamentais da London School of Economics: “As pessoas felizes são mais produtivas, mais saudáveis, ficam menos doentes, são mais sociáveis, ajudam mais os outros e vivem mais” (DOLAN in ALLEGRETTI, 2015, p.19). Autor de *Felicidade Construída*, Dolan defende que é possível “criar a felicidade” e que tudo depende das escolhas que as pessoas fazem quanto ao uso de seu tempo. Baseando-se em variáveis que oscilam entre o nível de bem-estar dos cidadãos britânicos, dinheiro, trabalho, família e religião, a pesquisa de Dolan revela que estes são elementos determinantes na medição de quem é mais ou menos feliz, visto que relações sociais bem estabelecidas são, a seu ver, um fato comum nas pessoas satisfeitas com a vida.

O discurso sobre a felicidade deste como de outros “gurus do bem-estar” segue em diálogo com o “estilo afetivo terapêutico”, como proposto por Illouz (2011) para “designar as maneiras pelas quais a cultura do século XX ficou “preocupada” com a vida afetiva, com sua etiologia e morfologia, e concebeu “técnicas” específicas – linguísticas, científicas, interativas – para empreender e gerir esses sentimentos” (ILLOUZ, 2011, p.14). Um cenário propício, portanto, para a proliferação de sistemas especialistas, que difundem a autoterapia como a chave para a resolução de problemas e o gerenciamento de riscos, um modo de colonizar o futuro e tornar os indivíduos



produtivos. Destacam-se, entre estes, as proposições da psicologia positiva<sup>4</sup>, que visa “mudar o eixo da abordagem psicológica do alívio do mal-estar e da cura de doenças para a compreensão e a construção da felicidade”, fornecendo “métodos práticos para a erradicação de traços de personalidade indesejáveis” (FREIRE FILHO, 2010, p.10).

Segue-se que a eficácia de tais discursos procede da própria experiência, atestada pelas histórias de superação daqueles que narram. É o caso do professor Dolan, que durante toda a entrevista traz fragmentos da própria história para qualificar seus conselhos. A nosso ver, a autobiografia se insere nos discursos de autoajuda porque potencializa seu poder de transformação. Ao transpor sua vida da memória para o relato, o enunciador constrói a si mesmo por meio da narrativa, fornecendo uma versão da própria trajetória em diálogo com o outro, com o receptor. A peculiaridade desta biografia se dá pela contraditória pretensão: ao mesmo tempo que intenta à repetição de um modelo exemplar, busca a autenticidade (ARFUCH, 2010).

Na esteira do sucesso das narrativas de autoajuda materializadas em livros, cursos e programas televisivos, principalmente, vemos surgir, então, uma variação particular derivada do incremento da autobiografia. Todavia, o que nos chama mais atenção, considerando o contexto de desenvolvimento deste trabalho, é a forma como as celebridades do universo religioso – desde líderes a artistas convertidos – têm ganhado espaço e visibilidade na mídia secular por conta de suas histórias<sup>5</sup>. A Igreja Universal do Reino de Deus – IURD parece se destacar entre as demais denominações religiosas, especialmente no meio evangélico, considerando a importância concedida aos testemunhos em sua retórica, assim como a visibilidade que a instituição tem dado às histórias de seus líderes e celebridades convertidas, mercadorizando-as.

Edir Macedo, por exemplo, bispo e líder da IURD, autor de vários livros, lançou recentemente a trilogia *Nada a Perder*, sucesso de vendas em todo o mundo. No mesmo caminho, Renato e Cristiane Cardoso, genro e filha do bispo,

<sup>4</sup>Movimento científico formalmente instituído nos Estados Unidos, em 2000. (FREIRE FILHO, 2010)

<sup>5</sup>Como foram os Casos de Nelson Ned, Mara Maravilha, Dedé Santana, Monique Evans, Baby do Brasil, Gretchen e tantos outros artistas convertidos



COMUNICON 2015

congresso internacional  
comunicação e consumo

5º ENCONTRO DE GTS  
1º ENCONTRO DE GTS DE GRADUAÇÃO  
2º ENCONTRO BINACIONAL

PPGCOM ESPM // SÃO PAULO // COMUNICON 2015 (5 a 7 de outubro 2015)

apresentadores do programa The Love School, também são autores de vários livros, entre eles *Casamento Blindado*, *bestseller* no ramo de autoajuda. Estes e outros livros famosos da família de Macedo são também biografias escritas pelos próprios personagens protagonistas das histórias. Mas seu trabalho, também evangelizador, não se limita à literatura, estende-se fortemente à mídia, abrindo espaço também para outras pessoas que contam como suas vidas foram restauradas após se converterem à igreja. É nesse contexto que surge nosso objeto de análise, uma “subcelebridade” que após adoecer e quase morrer, converteu-se e se batizou na Igreja Universal. Seu nome é Andressa Urach, hoje – ela mesma diz – evangélica, dizimista fiel, temente à Deus e uma mulher feliz (IGREJA UNIVERSAL, 2015).

Seus testemunhos, por conseguinte, conferirão a materialidade necessária para a reflexão que desenvolvemos neste artigo. Para isso, ancorado na perspectiva sócio-discursiva e utilizando o corpus constituído de algumas falas de Andressa Urach, após a sua conversão, este trabalho é construído a partir da observação e análise de um conjunto de relatos extraídos do Youtube e de matérias na mídia secular, frutos da notória visibilidade, dada a Urach, nos últimos meses.

No decorrer do trabalho, em paralelo, buscamos refletir sobre como os testemunhos na igreja supracitada, carro-chefe de sua propaganda institucional, estão cada vez mais potencializados pelo incremento de elementos de outros discursos para além do universo religioso.

### **“Eu queria ser feliz”: o eu como projeto de autorrealização**

“Polêmica, desbocada, admirada, de personalidade forte na busca da fama, ela não teve limites. Isso quase a levou à morte” (CANAL THE LOVE SCHOOL, 2015, 02:55), assim é apresentada Andressa Urach na abertura do programa The Love School, no qual ela concede uma entrevista e conta sua história, da infância à conversão. Gaúcha, 27 anos e com um filho de 10 anos, formou-se em administração de empresas, decidindo, posteriormente, seguir a carreira de modelo e dançarina, chegando a trabalhar com o cantor Latino. Tornou-se repórter e apresentadora de TV,



mas ganhou fama ao conquistar o segundo lugar no concurso miss bumbum, promovido pela Rede Globo. Atuou como assistente de palco e posou nua para duas revistas masculinas. É conhecida por seu envolvimento com vários famosos, pelas declarações polêmicas, mas principalmente pela sua participação, em 2013, na Casa dos Artistas, *reality show* produzido e veiculado pela Rede Record.

Porém, a visibilidade que ganhou nos últimos meses se deve à sua história de superação: em novembro de 2014 foi internada com uma infecção generalizada devido à aplicação de hidrogel em seu corpo, quase a levando a óbito. Após uma dramática recuperação, converteu-se à Igreja Universal e levou a público seu testemunho, ressaltando o poder da religião em sua vida. De um extremo ao outro, Urach se diz totalmente mudada e restaurada, divulgando, em paralelo, o lançamento de um livro sobre sua história, escrito pelo mesmo autor da trilogia biográfica de Edir Macedo, “que fala sobre todo esse passado negro” (CANAL THE LOVE SCHOOL, 2015, 16:32); “será um livro muito forte. Doa a quem doar”(SANT’ANNA, 2015)

Contar repetidas vezes a história de sua vida é um exercício de autoafirmação que segue um roteiro comum entre os testemunhos iurdianos, ratificando o poder da igreja sobre os fiéis e materializando a retórica de superação da instituição em relatos factíveis. Seguindo um percurso comum rumo ao sucesso e à autorrealização, o testemunho de Urach, assim como tantos outros, segue o que Gomes (2011) chama de *circuito da conquista*, um caminho particular organizado em quatro categorias – perseguição, revolta, sacrifício e conquista – “que, associadas, dão sentido às crenças e práticas religiosas da IURD” (GOMES, 2011, p.33). Salientamos que a noção de conquista está diretamente circunscrita a superação difundida pela igreja, que divide a vida em dois momentos, antes e depois da conversão. O antes, aqui, é entendido como uma vida de erros, na qual o sofrimento é enfatizado e ganha o maior tempo no relato.

Nesse ponto, o entrecruzamento entre o discurso de autoajuda e o de superação, próprio da IURD, no testemunho autobiográfico de Urach começa a dar sentido à ideia de que essas histórias são potencialmente mais mobilizadoras à medida em que integram elementos de outras ordens, que não apenas a do discurso religioso,



alcançando um público mais amplo e aumentando as chances de identificação com seu conteúdo.

Segundo Illouz (2011), a “narrativa que promove a autoajuda é uma narrativa da doença e do sofrimento psíquico” (ILLOUZ, 2011, p.89) e ao difundi-la, os agentes – especialistas e leigos – auxiliam na expansão do campo dos problemas psíquicos, no qual a saúde mental e afetiva são as principais mercadorias circuladas. O sofrimento é, portanto, um elemento fundamental nessas narrativas, como demonstra a própria Urach: “eu não posso mudar o meu passado, ele existe para que eu não volte mais para ele. Para que eu saiba exatamente o que eu fiz de errado” (CANAL THE LOVE SCHOOL, 2015, 14:30). Neste campo, dotado de um *habitus* próprio o qual se molda, principalmente, por um “estilo afetivo terapêutico”, como proposto pela autora, os agentes competem entre si para definição do que é bom e do que é patológico. Não é estranho perceber, portanto, a semelhança entre as características deste e do campo religioso, especialmente na conceituação de sofrimento, superação e autorrealização.

Nesse sentido, a inscrição da narrativa autobiografia no testemunho de conversão de Urach é atravessada por uma cultura terapêutica de autoajuda, que permite a construção de um discurso de amplo alcance. Ela está em programas televisivos e radiofônicos, revistas, jornais e sites de entretenimento. Fala para todos, de religiosos a telespectadores descrentes. Sua argumentação universalizante é eficaz porque se adequa à audiência, em qualquer categoria, e se identifica com ela. Do mesmo modo que organiza sua identidade *no e pelo* discurso, constrói uma noção de felicidade, que ora é fim, ora é meio.

“Durante 27 anos da minha vida eu busquei a felicidade”, testemunhou Urach em seu relato no Templo de Salomão. Como um testemunho comum da IURD, este se insere no *circuito da conquista* e seu ponto inicial de apoio são os relatos de perseguição, causado pela presença do “Diabo” na vida daquele que narra – o que não é diferente no testemunho de Urach. Conectando causa e efeito por meio de “porquês”, ela explica que o a motivação para todas as suas ações, quando



adolescente e adulta, foram fatos ocorridos na infância, como a mãe que a teve muito jovem, o pai que não dava amor, abusos sexuais pelo avô de criação e a pobreza (IGREJA UNIVERSAL, 2015). Pautando sua vida na busca pela felicidade, casou-se muito jovem e teve um filho, dedicando-se em paralelo ao trabalho, pois entendia, segundo conta, que ao resolver o “lado” financeiro, resolveria o resto. A perseguição, evidenciada sempre no começo de sua história, era hereditária e por isso foi difícil de escapar, já que não tinha uma fé sólida.

Eu não tinha uma estrutura familiar. Eu não... Hummm... A minha vó teve vários casamentos, a minha mãe vários casamentos. Então eu achava, assim, que trocar de relacionamentos ia acontecer mais cedo ou mais tarde. Então quando eu casei aos 15 anos. Eu casei para sair de casa. Eu tive vários traumas nessa minha vida e a minha mãe, ela não sabia me educar, então ela brigava muito comigo. Então eu casei como uma escapatória. Eu me apaixonei e disse agora eu vou ter uma família, eu vou ter uma casa, um príncipe encantado e nunca mais vou separar, porque eu não quero sofrer o que eu sofri. Porque eu tenho pai e mãe separados [sic]. (CANAL THE LOVE SCHOOL, 2015, 08:60)

Ao propor que a apresentação de si supera a intencionalidade daquele que fala e age, Amossy (2013a) sugere que a imagem do enunciador se constrói no próprio discurso, na relação com o outro, concatenando com a ideia de Giddens (2002) que o indivíduo constrói sua identidade à medida que narra – e, por isso, ao reproduzi-la, a remodela. Logo, não se trata de um traço ou comportamento, como aquilo que resulta de um conjunto de ações ao longo da vida. A (auto)identidade “*é o eu compreendido reflexivamente pela pessoa em termos de sua biografia*” (GIDDENS, 2002, p.54 grifo do autor), um empreendimento reflexivamente organizado em termos de projeto que, como nos relatos de Urach, funda-se na busca pela autorrealização.

Logo, a eficácia discursiva do testemunho de Urach não deriva das palavras, mas da “adequação entre a função social do locutor e seu discurso” (AMOSSY, 2013b, p.120), por isso a biografia no seu formato “auto” é tão mobilizadora: ao ser uma narrativa de si (a “Andressa do passado, que morreu” e a “de hoje”) na qual autor e personagem se confundem, identifica-se com os alocutários, possibilitando sua projeção. Afinal, quem nunca sofreu, viveu desilusões, buscou algo a que comumente



dá-se o nome de felicidade? Embora a visibilidade de sua história se deva, em especial, ao status de celebridade concedido a Urach, a autoridade de seu discurso é resultante da posição e situação legítima da narração. Não obstante os elementos serem os mesmos, seu testemunho sofre modalizações com a variação do auditório, através da ênfase de alguns aspectos em detrimento do silenciamento de outros – e aqui nos referimos principalmente ao papel da Igreja Universal na mudança de vida. Quando contou, por exemplo, a sua história na emissora em que trabalhava antes, a fala revelava a “patologia”, mas conferia ao sofrimento uma existência necessária na vida, desvinculada, portanto, da questão religiosa: “Tenho vergonha de quem fui, mas na vida tudo é questão de crescimento. Precisei passar por isso para dar valor à vida”. (PROGRAMA MUITO SHOW - REDETV!, 09.02.2015)<sup>6</sup>.

A “revolta”, etapa do circuito na qual o crente se rebela contra os acontecimentos ruins e toma uma atitude (que é buscar a igreja), se dá, nos relatos de Urach, apenas em fóruns restritos após o episódio ocorrido no final de 2014 e início de 2015, por ocasião de uma infecção generalizada em seu corpo por conta da aplicação de hidrogel nas coxas, coincidindo com o tempo que se afastou da religião, justamente, segundo ela, o tempo em que “o Diabo atacou”. “E há um ano eu comecei a sofrer com esse líquido que eu decidi colocar no meu corpo que era um veneno por causa do excesso da minha vaidade [sic]” (IGREJA UNIVERSAL, 2015, 11:35). Desenganada pelos médicos e com previsão de melhora para fevereiro de 2015, Urach destaca, apenas em fóruns ligados ao universo religioso, o papel da fé da sua mãe em sua cura:

E aí minha mãe saiu pra ir à igreja e eu disse pai, eu sei que o Senhor já me perdoou de todos os meus pecados, se hoje eu estou aqui nessa cama, eu não admito estar em cima dessa cama entrevada, eu não admito essa infecção no meu corpo, eu quero a minha cura em sete dias porque o Senhor é vivo. E dia 24 de dezembro eu ganhei alta no hospital com o sangue limpo, sem nenhuma infecção [sic]. (IGREJA UNIVERSAL, 2015, 18:11)

<sup>6</sup> Disponível em: [http://www.purepeople.com.br/noticia/andressa-urach-pede-demissao-da-redetv-tres-dias-apos-voltar-ao-trabalho\\_a41793/1](http://www.purepeople.com.br/noticia/andressa-urach-pede-demissao-da-redetv-tres-dias-apos-voltar-ao-trabalho_a41793/1). Acesso em 30 jul 2015.





Seguindo a estrutura discursiva da retórica de superação da IURD, os relatos de Urach se alicerçam na Teologia da Prosperidade, um conjunto de crenças que afirma ser legítimo ao fiel buscar resultados, obter favorecimento divino e ser feliz, aqui e agora, em todos os âmbitos de sua vida (CAMPOS, 1997), tão somente porque ser cristão é ser filho de Deus, motivo suficiente para usufruir de tudo de bom e de melhor na Terra (MACEDO, 2010). Mais que uma consequência do “agir na fé”, a prosperidade é um direito do crente, fundamento estruturante da teologia iurdiana. Esta fé, que deve ser exercida de forma racional, como defende Edir Macedo, fundador e bispo-líder da instituição, “remete a sacrifícios, mas sacrifícios que, em nome da fé, concederão ao converso uma vida abundante, regalada e feliz” (RODRIGUES, 2003, p.81).

Como toda ideia de sacrifício apresentada nos testemunhos da IURD está ligada em parte a concessão de dinheiro à igreja por meio de dízimos e ofertas, no discurso de Urach isso não é diferente. Durante todos os seus relatos, ela demonstra como o dinheiro foi importante na vida dela, seja na forma de ascensão social, de busca da felicidade, de desilusão e mesmo da provação, quando este, em si, não pôde tirá-la do coma, mas a fé de sua mãe, convertida à Igreja Universal há muitos anos.

Buscando estabelecer a relação entre fé, salvação e prosperidade, a TP (RODRIGUES, 2003) apresenta o sacrifício e a conversão como os únicos meios possíveis para se alcançar a felicidade, na qual as forças do poder divino são ativadas “pelos desejos, pela linguagem e pelo testemunho” (BRONSZTEIN, 2014, p.141). A fórmula para a conquista é simples e pragmática, na concepção de Kenneth Hagin, a quem se atribui a sistematização da TP<sup>7</sup>:

1. “Diga a coisa.” Positiva ou negativamente, tudo depende do indivíduo. “De acordo com o que o indivíduo quiser, ele receberá.” (Hagin, 1983);
2. “Faça a coisa.” Seus atos irão derrotá-lo ou lhe darão vitória. “De acordo com sua ação, você será impedido ou receberá.” (Hagin, 1983);
3. “Receba a coisa.” Compete a nós a conexão com o dínamo do céu. “A fé é o pino da tomada, basta conectá-lo.” (Hagin, 1983);
- e 4. “Comente a coisa.” A fim de que outros também possam crer (Hagin, 1983). (BRONSZTEIN, 2014, p.141)

<sup>7</sup> “Kenneth Hagin (Texas, EUA, 1918), a quem se atribui a estruturação basilar dessa teologia, diz ter recebido diretamente de Jesus” (BRONSZTEIN, 2014, p.141).



No testemunho de Urach fica evidente que o dinheiro não lhe deu os resultados esperados porque não foi aplicado no lugar certo, como defende a igreja. A mudança veio após a conversão, o batismo e o dízimo. Foi preciso “determinar” e “agir na fé” para que uma mudança concreta ocorresse. “E hoje eu to aqui na casa de Deus, dizimista fiel, depois de ter sofrido tanto durante dois meses, depois de quase morrer[sic]” (CANAL THE LOVE SCHOOL, 2015, 00:15).

No quesito “prosperidade”, Urach deixa o seu *status* atual falar por si só. Além de modelo, tem atuado como repórter no programa Domingo Show, da Rede Record, no qual comanda um quadro sobre histórias de superação, “Eu Sobrevivi”<sup>8</sup>. Frequentando assiduamente os cultos da IURD no Templo de Salomão, se diz uma mulher mudada. A tentativa de incorporar o *ethos* cristão de mulher virtuosa, mesmo que cause estranhamento entre as pessoas, parece se desdobrar em suas próprias conquistas e mudança de personalidade, das vestes às suas ações.

Concordamos com Illouz (2011), portanto, que a autorrealização e o sofrimento são duas formas institucionalizadas de saber. Como bem coloca, “para guiarem a ação, as ideias precisam de uma base institucionalizada” (ILLOUZ, 2011, p.84) e, tensionando sua hipótese de que o eu é uma forma profundamente institucionalizada a partir dos relatos analisados, as narrativas autobiográficas de autoajuda difundidas pela IURD ganham força pela sua enorme ressonância institucional, seu potencial legitimador e legitimante, mas não somente isso, o sofrimento que se “experimenta” e se testemunha na igreja é, sobretudo, ampliado para além da institucionalidade do saber, ele é o instrumento usado pela IURD para chancelar a importância de sua atuação na vida dos fiéis, que são chamados por Deus, justamente pelo sofrimento.

No centro de tudo, um fator foi preponderante para a visibilidade do testemunho de Urach – algo trazido à tona repetidas vezes em seus relatos: a fama. Por ser conhecida publicamente, através da mídia, por polêmicas envolvendo seu nome, seu discurso se torna muito mais verdadeiro e redentor, pois evidencia um

---

<sup>8</sup>Programa veiculado na Rede Record, emissora de Edir Macedo.



ethospré-discursivo, manifesto no antes e no depois da conversão e que pode ser relacionado ao conjunto das características, como propostas por Amossy (2013b, p.127), “que se relacionam à pessoa do orador e a situação da qual esses traços se manifestam que permitem construir sua imagem”.

### **A construção discursiva da felicidade: a inscrição do autobiográfico no religioso**

A especificidade da autobiografia, segundo Arfuch (2010) é o lugar outorgado ao outro. Este não é apenas o leitor ou o espectador, mas também o próprio narrador, que na condição de contar uma história do que foi sobre si mesmo, provoca uma dupla divergência referencial: temporal e de identidade. Isso porque,

para além do nome próprio, da coincidência “empírica”, o narrador é *outro*, diferente daquele que protagonizou o que vai narrar: como se reconhecer nessa história, assumir as falas, se responsabilizar por essa outridade? E, ao mesmo tempo, sustentar a permanência, o arco vivencial que vai do começo, sempre idealizado, ao sempre “testemunhado”, assumindo-se sobre o mesmo “eu”? (ARFUCH, 2010, p.67 *grifo da autora*).

Podemos afirmar, então, que um valor intrínseco do relato autobiográfico é seu caráter testemunhal, devido a sua autorreferenciação constitutiva. Porém, é nesse aspecto particular que, já em sua origem, corrobora-se para um questionamento sobre a veracidade dos fatos, visto que enunciador e sujeito do enunciado se confundem. Embora não seja do nosso interesse discorrer sobre esse tipo de questão, apresentá-la é determinante para a reflexão que desenvolvemos neste trabalho, uma vez que, no testemunho analisado, noções como identidade, sofrimento e felicidade são levantadas e transformadas ao longo do tempo por aquele que narra e aquele que é narrado.

Esta divergência referencial e conceitual pode ser percebida, por exemplo, quando Urach evoca o passado para (re)afirmar sua mudança: “Eu achava que essa Andressa nunca existiria” (CANAL THE LOVE SCHOOL, 2015, 02:19), “Eu me envergonho muito da Andressa Urach que morreu, porque ela morreu dia 29 de novembro do ano passado. E dia 3 de dezembro nasceu uma nova Andressa” (IGREJA UNIVERSAL, 2015, 03:02). Isso é possível, de acordo com Arfuch (2010), porque falar de relato remete “à forma por excelência de estruturação da vida”



(ARFUCH, 2010, p.112) e a autobiografia se mostra como o meio mais eficiente, em termos de mobilização, visto que intervém de forma corretiva no passado, excedendo a mera crônica de eventos ocorridos (ARFUCH, 2010).

Estruturar uma vida em termos de relato é contar a partir de um ponto de vista – considerando a coincidência empírica entre enunciador e personagem –, de fragmentos da memória, agregando, ao mesmo tempo, realidade e ficção através de uma retrospectiva narrada. Mescla-se, então, o eu e o outro, um que é “eu” e outro que é leitor, ambos fusionados na construção de uma imagem de si pela própria narrativa. Do mesmo modo, especialmente nos testemunhos autobiográficos, noções como felicidade e sofrimento são evocadas para diferenciar o certo do errado, o antes do depois. Assim como o dinheiro, a felicidade protagoniza o discurso de Urach que, por diversas vezes, justifica seus problemas através da relação causal entre esses dois elementos. “Eu procurei outras religiões pra preencher o meu vazio, pra tentar achar a felicidade que eu não achava nas baladas, nos namorados, no dinheiro, nos carros. [...] Tudo errado. Tudo.” (IGREJA UNIVERSAL, 2015, 04:52)

Neste como em outros testemunhos da Igreja Universal, a felicidade é um elemento organizador do relato. Por isso a grande afinidade com as narrativas de autoajuda, pois assim como os estudiosos das “novas ciências da felicidade”<sup>9</sup>, a IURD e outras instituições religiosas, cujo alicerce discursivo estrutural é a Teologia da Prosperidade, “nos ensinam que usufruir de um aumento sustentável em nosso bem-estar subjetivo é um projeto *individual* totalmente factível *aqui e agora*, desde que nos dediquemos, sem jamais esmorecer, a esse empreendimento vital.” (FREIRE FILHO, 2015a, p.55). A proposição do autor nos parece esclarecedora, considerando a relativa afinidade entre os discursos de felicidade nas narrativas de autoajuda e as do universo religioso, especialmente da IURD, a que temos nos dedicados há anos a estudar. Esse “bem-estar subjetivo”, na igreja, está relacionado ao exercício da fé e, em paralelo, ao usufruto de uma vida próspera e feliz (aqui e agora), fruto de uma “fé

---

<sup>9</sup>Nos referimos aqui aos diversos estudos e pesquisas acadêmicas sobre a felicidade, relacionados, em grande medida, com o campo da Psicologia.



inteligente”, totalmente autogerida e, muitas vezes, desvinculada da noção de “fé religiosa”, que postulava a felicidade para a vida no porvir, na vida eterna.

### **À guisa da conclusão**

Se, por um lado, o testemunho de Urach é perpassado por uma cultura terapêutica que se materializa principalmente nas narrativas autobiográficas de autoajuda, por outro, seu discurso é alicerçado em uma teologia de resultados, basilar nas práticas e discursos da IURD, a Teologia da Prosperidade. Ao se cruzarem, esses dois elementos parecem dar um tom particular ao relato, tornando-o muito mais mobilizador, especialmente quando consideramos a proposição de Illouz (2011) que a narrativa de autoajuda é propriamente uma narrativa do sofrimento, uma constante também nos testemunhos da igreja. Ao falar sobre sua dor, ela se identifica com o público e mostra como é possível superá-la. A mensagem é clara e, por muito tempo se corporificou em slogans como “Pare de sofrer!” ou “Um milagre espera por você!”, ambos massificados na Igreja Universal.

Com efeito, como postulou Freire Filho (2010b, p.10), a legitimidade testemunhal, seja de especialistas, famosos ou anônimos, que superaram desventuras e mudaram de vida, “ratificam a felicidade como um intento pragmaticamente factível, eticamente legítimo e socialmente relevante” – isso, a nosso ver se constitui como um elemento norteador para refletirmos que, se a noção de felicidade desse (e de outros relatos) se contrói por meio do discurso, a questão que nos parece salutar, mais do que sua definição, é: para que serve a felicidade?

Se, como afirma Freire Filho (2010a), “a felicidade desponta como um recurso estratégico para a otimização da saúde, da sociabilidade e da produtividade” (FREIREFILHO, 2010a, p.50), seria mais pertinente pensá-la como um meio, ao invés de um fim. O que faz todo sentido ao analisarmos o testemunho de Urach, no qual nem o sucesso, nem o dinheiro trouxe a felicidade que ela tanto buscava. Porém, a mudança de foco que a tornou uma pessoa satisfeita consigo mesmo e feliz, pode trazer benefícios – como na carreira dela, hoje reporter da Record.



## Referências

AMOSSY, Ruth (org). **Imagens de si no discurso**: a construção do *ethos*. 2ª Ed. São Paulo: Contexto, 2013.

ARFUCH, Leonor. **O espaço biográfico**: dilemas da subjetividade contemporânea. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2010.

BRONZSTEIN, Karla Patriota. **Nação dos 318**: a religião do consumo na Igreja Universal do Reino de Deus. Comunicação, Mídia e Consumo, São Paulo, vol. 11, n. 30, p.125-142, jan./abr., 2014.

CANAL THE LOVE SCHOOL. **Como construir uma nova reputação**. Disponível em: <[https://www.youtube.com/watch?v=jGpYI3EPiLk&index=3&list=PLQ5Pn\\_wB-6D0yOm3RjwPrmgixH-U1f0A](https://www.youtube.com/watch?v=jGpYI3EPiLk&index=3&list=PLQ5Pn_wB-6D0yOm3RjwPrmgixH-U1f0A)> Acesso em jul-2009.

\_\_\_\_\_. O *ethos* na intersecção das disciplinas: retórica, pragmática, sociologia dos campos. In: AMOSSY, Ruth (org). **Imagens de si no discurso**: a construção do *ethos*. 2ª Ed. São Paulo: Contexto, 2013. P.119-144.

ARFUCH, Leonor. **O espaço biográfico**: dilemas da subjetividade contemporânea. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2010.

FREIRE FILHO, João. A felicidade na era de sua reprodutibilidade científica: construindo “pessoas cronicamente felizes”. In: FREIRE FILHO, João (org). **Ser feliz hoje**: reflexões sobre o imperativo da felicidade. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2010. P.49-82.

\_\_\_\_\_. **Fazendo pessoas felizes**: o poder moral dos relatos midiáticos. In: Encontro da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação (Compós), 19. Anais... Rio de Janeiro, 2010.

GIDDENS, Anthony. **Modernidade e identidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2002.

GOMES, Edlaine de Campos. **A Era das Catedrais**: a autenticidade em exibição. Rio de Janeiro: Garamond, 2011.

IGREJA UNIVERSAL. Andressa Urach: Testemunho Completo no Templo de Salomão. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=tRKURAvyI5w>> Acesso em jul-2015.

ILLOUZ, Eva. **O amor nos tempos do capitalismo**. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.

MACEDO, Edir. **Fé Racional**. Rio de Janeiro: Unipro, 2010.

ALLEGRETTI, Fernanda.. **A equação da felicidade**. Veja, São Paulo, p.14-19, jul.2015. Entrevista com Paul Dolan.



COMUNICON 2015 congresso internacional  
comunicação e consumo

5º ENCONTRO DE GTS  
1º ENCONTRO DE GTS DE GRADUAÇÃO  
2º ENCONTRO BINACIONAL

PPGCOM ESPM // SÃO PAULO // COMUNICON 2015 (5 a 7 de outubro 2015)

RODRIGUES, Kleber Fernando. **Teologia da Prosperidade, sagrado e mercado**: um estudo sobre a Igreja Universal do Reino de Deus em Caruaru-PE. São Paulo: Edições ABHR: Edições FAFICA, 2003.

SANT'ANNA, Thaís. 2015. Andressa Urach diz que amigos se afastaram: 'Debocham da minha fé'. **Ego**. Disponível em: <<http://ego.globo.com/famosos/noticia/2015/03/andressa-urach-diz-que-amigos-se-afastaram-debocham-da-minha-fe.html>> Acesso em 26 jul./2015.